Diálogo com educadores¹

Nadja Amabília Hermann

Na seção **Diálogo com educadores** deste volume da Revista Espaco Pedagógico, temos a participação da professora e pesquisadora doutora Nadja Hermann. Atualmente, Hermann é professora aposentada da Universidade Federal do Rio Grande do Sul e da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, mas permanece atuando como pesquisadora e colaborando com suas reflexões em várias universidades brasileiras. Suas pesquisas conferem uma importante contribuição à área da educação, sobretudo à filosofia da educação e à pesquisa educacional. Hermann publica diversos artigos, capítulos de livros e contribui com várias coletâneas nesses campos e no campo educacional em sentido mais amplo. No presente diálogo, a nossa convidada discorre sobre seu processo de escolarização, as experiências educativas que lhe marcaram, os desafios que orientaram sua formação no stricto sensu, suas influências intelectuais, sua experiência docente, sua produção intelectual, a relação entre ética e educação e entre ética e estética, o tema do outro e da formação (Bildung), assim como os desafios vislumbrados atualmente para o campo da pesquisa em filosofia da educação.

EP: Quais são tuas primeiras lembranças referentes ao teu processo de escolarização? Que aspectos dele consideras marcantes?

Hermann: Minha primeira lembrança foi a alfabetização, em casa. Aprendi pelo método silábico, com letras cuidadosamente desenhadas. Na época, não se permitia fazer a primeira série com seis anos, tampouco havia jardim de infância na cidade em que morava. Minha mãe resolveu, então, contratar uma professora particular. Recordo das aulas de matemática e do estudo solitário. Na escola, entrei em uma turma de segundo ano com a qual prossegui por todo o período que chamamos ensino fundamental e ali fiz amizades que conservo até hoje. Escola feminina é claro, conforme os costumes do tempo. Marcante foi o rigor, a disciplina, a exigência de estudo diário, a autoridade dos professores. Reagi favoravelmente a esse estímulo, pois já tinha uma educação rigorosa em casa. Inesquecível foi o encanto de ler poesia, o que era habitual em sala de aula. Aprendi muito com Gonçalves Dias, Castro Alves, Olavo Bilac, Guerra Junqueira, entre outros. Alguns poemas nunca esqueci,

http://dx.doi.org/10.5335/rep.v23i2.6545

estão no coração, como denota a expressão "sei de cor". Lembro o verso "Bebendo o sol, comendo o pó, mordendo a rocha", de A lágrima, de Guerra Junqueira, que me iniciou na riqueza da metáfora, algo incomum para mim até então.

Além desse encanto pela metáfora, pelo ritmo, pela beleza dos versos, alojou--se ali uma abertura de mundo, como foi, por exemplo, a poesia Pássaro cativo, de Olavo Bilac, que trazia uma sensibilidade com a natureza, antecipando a consciência ecológica. Não menos tocante na criação de uma nova sensibilidade foi o poema Navio negreiro, de Castro Alves, que denuncia a infâmia da escravidão. E assim a escola foi me abrindo um mundo. Peguei gosto pelo estudo e pela leitura.

EP: Que experiências em tua formação escolar e que perfis de professores mais marcaram tal processo?

Hermann: Muitas experiências me marcaram, mas elas podem ser agrupadas na ideia de que a escola passava uma mensagem dupla: ao mesmo tempo que me encantava com o mundo introduzido pela leitura, o gosto pelo estudo, o prazer da descoberta, a escola mostrava sua face formal e repressora. Uma educação escolar tensionada entre obediência e transgressão. Isso não é um clichê, tampouco foi um problema insuperável, mas trouxe dificuldades. Exigiu constantes confrontos comigo mesma, muitos questionamentos sobre como deveria agir e uma certa desorientação provocativa, o que descobri ex post facto. Dessa experiência escolar, ficou a importância do estudo, um bom preparo na escrita, um anseio pela educação do espírito. O resto tive que refazer.

Os professores marcantes foram aqueles que, a seu modo, me mostraram as virtudes e as excelências da vida intelectual. Aqueles exigentes e respeitosos. Tais qualidades se evidenciavam desde as minuciosas correções de redação escolar, as exigências na apresentação das tarefas até o comportamento considerado correto na aula, o respeito aos professores. Tudo isso foi gravado na minha alma.

EP: Como foi tua formação durante a graduação e o que te levou a escolher a educação?

Hermann: Quando decidi estudar filosofia, isso foi visto com certa estranheza, pois ninguém sabia muito bem o que significava. Um tio sugeriu que me preparasse para um concurso no Banco do Brasil.

Cursei filosofia na UFSM, no início do processo de interiorização da universidade, e lá cheguei bastante ingênua e tímida. Considero que tive uma formação razoável, mas com lacunas, tanto pela condição do ensino como pelo meu despreparo intelectual. Na verdade, a formação está sempre em movimento, sendo continuamente retomada; nessa perspectiva, fui tentando superar deficiências. Na Faculdade de Filosofia havia bons professores e outros nem tanto. O currículo do curso ainda tinha influência da escolástica, uma orientação mais voltada para a história da filosofia e pouca relação com o pensamento contemporâneo e questões da filosofia da cultura. Como a formação inclui outras experiências, muito rico foi o hábito de frequentar a biblioteca (no caso, a Biblioteca dos Palotinos, em Santa Maria), onde tive acesso a bons livros, o que é decisivo no preparo intelectual. Lembro quando desisti de ler Hegel porque não entendia, devido ao seu alto grau de abstração. Só consegui ler a Ciência da lógica anos mais tarde.

O ambiente universitário na época sofria a repressão da ditadura militar e seu combate ao comunismo. Muitas aulas eram assistidas por agente do Dops, na tentativa de controle ideológico sobre os temas em estudo (por exemplo, Marx), o que, se por um lado, gerava medo, por outro, despertava o interesse pelas questões políticas, pela vivência democrática e pelo ideário de esquerda.

Minha opção pela educação ocorreu na própria experiência. Quando comecei a trabalhar, lecionava filosofia da educação no curso para o magistério, ensino médio. É bom lembrar que a filosofia havia sido banida do currículo em decorrência da reforma de ensino do governo militar e só era ofertada no curso de magistério, como disciplina obrigatória. E aí começou meu interesse. Estava insatisfeita com as orientações predominantes da filosofia da educação à época, que se enquadravam num esquema dual e simplificador: educação tradicional e transformadora/ libertadora. Sempre achei estreita demais essa dualidade e refutei qualquer visão romântico-salvadora, muito frequente em cursos de magistério. Senti-me desafiada a pensar a educação em sua complexidade.

EP: Que desafios orientaram tua formação no stricto sensu e quais foram tuas companhias intelectuais?

Hermann: Como disse antes, estava insegura e insatisfeita com os pressupostos da educação. Comecei a me interessar pelas discussões contemporâneas sobre racionalidade e percebi o quanto isso tinha sentido para compreender os problemas mais triviais que os professores enfrentam na rotina pedagógica, como a participação ou o desinteresse do aluno, o diálogo, a instrumentalização do conhecimento, o empobrecimento da experiência, etc. Instigava-me situar com mais clareza questões epistemológicas e éticas, para tentar compreender o possível caráter emancipador do processo educativo e sua justificação. Como articular uma compreensão mais alargada do problema? Não encontrava isso satisfatoriamente tematizado. Refiro-me aos fins dos anos 1980. Isso foi um verdadeiro desafio. O doutorado sanduíche em Heidelberg (Alemanha) me abriu inusitados caminhos e novas problematizações. Minha tese de doutorado resulta dessa preocupação em articular educação e racionalidade.

Obviamente que a formação no stricto sensu promove um nexo entre nossos questionamentos e as grandes questões filosóficas. Daí que foram muitas as companhias intelectuais: Platão, Aristóteles, Rousseau, Kant, Hegel, Schiller, Nietzsche, Adorno, Heidegger, Gadamer, Habermas, Rorty, Arendt, Blumenberg, Waldenfels, Foucault, Nussbaum, Oelkers, Welsch, entre outros. Dada à natureza das questões em filosofia da educação, minha pesquisa foi se abrindo para temas, mais do que especialização na obra de um autor.

EP: Quais tuas principais influências intelectuais?

Hermann: Destaco Nietzsche, Habermas e Gadamer, pensadores extraordinários. Como se sabe, há diferencas entre eles, mas colocar suas contribuições em constelação, como sugere Adorno, evidencia as tensões entre as diferentes abordagens, pondo em relevo a complexidade da educação. Além disso, evita os perigos do dogmatismo. Na educação e na política, o dogmatismo mostra sua face mais perversa. Procurei estar acompanhada de autores que me abrissem a mente e com os quais tenho "afinidades eletivas". Aprendi muito de Habermas, especialmente o significado da "constituição intersubjetiva do espírito humano", os processos coletivos de aprendizagem e seu interesse pela emancipação. Gadamer mostrou-me todo o vigor da hermenêutica filosófica, a importância do diálogo vivo e a possibilidade de entendimento entre os homens. Sua insistência na verdade da arte foi decisiva para meus estudos de ética e estética. De Nietzsche e sua crítica avassaladora, aprendi a suspeitar de uma educação saturada de "ilusões humanísticas".

EP: Que diretrizes e que aspectos consideras mais significativos na tua experiência docente?

Hermann: A experiência docente é muito fecunda sob vários aspectos. Mas, sem dúvida, o mais significativo, que lhe confere peculiaridade, é a interação, na medida em que encontros entre professores e alunos podem ser transformadores para ambos. Encontros em que se estabelecem diálogos fecundos, com confiança recíproca, deixam marcas na formação intelectual e ética. Nem todos os encontros atingem essa dimensão, pois há outros modos de estruturar a relação entre alunos e professores e seria uma ingenuidade desconsiderar que ela pode ser permeada por submissão e até humilhações. Embora não saibamos quando efetivamente o diálogo vai acontecer, sempre adotei como orientação do meu agir o cuidado com o aluno. Prestar atenção naquilo que pode auxiliá-lo, desafiá-lo e até desorientá--lo. Não se subestima um encontro pedagógico, pois os alunos podem sempre nos surpreender. Então, como diz Gadamer, devemos levar a sério a palavra do outro, pois assim também se aprende com os alunos.

EP: Se pudesses identificar um fio condutor em tua produção intelectual como o explicitarias?

Hermann: O fio condutor de meu trabalho é a ética. Entre ética e educação há uma relação originária, que se constitui num esforço sempre renovado de interpretar qual o sentido da educação, como ela se articula com determinados dispositivos que nos constitui, as possibilidades de aperfeiçoamento de si, de autocriação, de formação da capacidade de julgar e de responsabilidade pela constituição de um mundo comum. Não entendo as questões éticas como uma mera prescrição normativa, mas como um espaço de interpretação de como a ética se relaciona com o pensamento e a ação pedagógica, uma oportunidade de discussão em torno de nosso agir moral, ou seja, a ética tematizada como um espaço formativo.

EP: Como entendes a relação ética e educação? Como compreendes a relação entre ética e estética?

Hermann: Como referi anteriormente, a relação da educação com a ética não se dá exclusivamente no plano normativo, mas o que interessa é como preparamos para a autonomia e para a solução de conflitos. Ou seja, a relação entre ética e educação põe em movimento uma razão prática pela qual o homem, ao agir, ao escolher, ao enfrentar as inúmeras tarefas da existência, forma-se a si mesmo e aprende a responsabilizar-se por suas ações. Isso não é do âmbito do ensino, como sabemos desde o Sócrates platônico e que Aristóteles definiu com clareza, dizendo que as virtudes éticas são do âmbito da ação, da razão prática. A educação deve preparar para que nos tornemos capazes de decidir por nós mesmos. Isso se aprende, mas não se ensina. Tentar recuperar "a relação quase esquecida" entre ética e estética foi um caminho que comecei a trilhar para deslocar a ética de um espaço estritamente racional e distante da vida em busca de elementos irredutíveis ao racional que movem o homem e, desse modo, ampliar a compreensão a respeito da formação ética. A estética cria formas de sensibilidade e mostra-se hábil no manejo da radical pluralidade, abrindo espaço para questionar nossas crenças mais arraigadas e para projetar novos modos de tratamento ético.

EP: Como surgiu o interesse pela investigação do tema do outro?

Hermann: O interesse pelo outro surgiu da dinâmica interna das pesquisas que venho desenvolvendo sobre ética e estética. Esse trabalho investigativo, ao evidenciar os aspectos restritivos da fundamentação racionalista da ética, permitiu--me perceber que nas éticas tradicionais o outro não teve um papel constitutivo. Na própria subjetividade que sustentou o projeto pedagógico moderno, facilmente se percebe o desaparecimento da alteridade. Como destaquei no prólogo do meu livro Ética & educação: outra sensibilidade, a educação tende a ver o outro como tudo o que se opõe às idealizações: o bárbaro, o selvagem, o infiel. Senti-me, então, instigada a tematizar o significado do outro em seu movimento constitutivo e as possibilidades de um processo formativo fazer justiça à sua singularidade diante de normas universais, expondo o caráter tensional entre universal e singular.

EP: Quais seriam, do teu ponto de vista, os maiores desafios hoje para a pesquisa no campo da filosofia da educação?

Hermann: O primeiro desafio é mobilizar mentes e corações dos envolvidos no processo pedagógico, especialmente professores e gestores da educação, para o que pode significar a filosofia da educação. Para mim, é exasperante aquilo que eu arrisco chamar falsa dicotomia entre teoria e prática, que leva a supor que só precisamos de prática e que as discussões filosóficas seriam vazias. Isso é quase uma síndrome na realidade educacional, especialmente a brasileira. A filosofia tem potencial para mudar nossa compreensão de mundo, desarmar simplificações conceituais e entrincheiramentos epistemológicos e isso nos transforma a ponto de não ser mais possível repetir velhas práticas, quando já temos um novo entendimento. Desse modo, a filosofia não é um discurso teórico alienado do mundo. Há uma dinâmica interna entre a compreensão e o agir, pois, falando com Gadamer, a compreensão é um modo de ser. Se conseguíssemos mostrar o que se estabelece de operativo na discussão filosófica na medida em que transforma pensamento e ações, isso se tornaria revolucionário.

O segundo desafio é a filosofia ser capaz de romper seu isolamento e abrir-se para o debate com a educação. Esse diálogo ainda está longe de acontecer, pela estrutura disciplinar do saber e pelo nosso enrijecimento epistemológico. Uma postura colaborativa entre os cursos de filosofia e pedagogia fere a arrogância de muitos. Talvez nossos intelectuais ainda não tenham percebido com clareza o nexo entre educação e política, filosofia e cultura. Quantos filósofos foram educadores da humanidade? Houve muitos, e a eles devemos a ideia de uma formação espiritual. Recuperar esse sentido, reinterpretá-lo, exige abertura de mentalidade de educadores e filósofos. Infelizmente, não vejo isso ocorrer em um horizonte próximo.

EP: Qual seria, ao teu ver, a atualidade do tema clássico da formação (Bildung)?

Hermann: A atualidade da Bildung consiste em produzir no ser humano uma transformação psíquica, a própria formação de si e um novo ethos. Isso ressoa ainda hoje em nossas expectativas de uma educação do espírito humano, para a ética, a estética, o desenvolvimento intelectual. Essa mesma herança sinaliza um critério que permite contrapor-se à precarização de um entendimento meramente econômico ou burocrático da educação, que assume proporções gigantescas.

EP: Que projetos de investigação tens em andamento e que projetos pensas em articular para o futuro próximo?

Hermann: Para os próximos anos, pretendo levar adiante a pesquisa sobre a alteridade do outro, voltada especificamente para as questões da corporeidade e do reconhecimento mútuo.

Nota

1 O presente Diálogo com educadores contou com a mediação, em nome da Revista Espaco Pedagógico, do Prof. Dr. Ângelo Vitório Cenci, integrante do Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade de Passo Fundo.